

O LEITOR VISADO DE PÁGINAS CURTAS, OBRA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, EM A VIOLETA (1930-1934)

THE TARGET READER OF PÁGINAS CURTAS, JULIA LOPES DE ALMEIDA'S WORK IN A VIOLETA (1930-1934)

EL LECTOR VISADO EN PÁGINAS CURTAS, OBRA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, EN A VIOLETA (1930-1934)

Gabrielle Carla Mondego Pacheco Pinto¹

Resumo: Este artigo propõe pensar o leitor visado para a seleta de contos “Páginas Curtas”, de autoria de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e publicados em *A Violeta*, fonte principal. Nesse contexto, materialidade e conteúdo de *Páginas Curtas* operam como categorias de análise para tratar o tema.

Palavras-chave: Páginas curtas; Júlia Lopes de Almeida; leitor visado.

Abstract: This paper aims to study the target reader of the texts named “Paginas Curtas”, written by Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) and published in *A Violeta*, the major source. In such context, materiality and content work as categories to approach the theme.

Keywords: Páginas curtas; Júlia Lopes de Almeida; target reader.

Resumen: Este trabajo propone pensar el lector visado para la selección de cuentos “Páginas Curtas”, de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) y publicados en *A Violeta*, fuente principal. En este contexto, materialidad y contenido de “Páginas Curtas” sirven como categorías de análisis para tratar del tema.

Palabras clave: Páginas curtas; Júlia Lopes de Almeida; lector visado.

Introdução

Desde a segunda metade do século passado, os estudos que privilegiam o leitor, a leitura e suas práticas vem adquirindo espaço no campo dos estudos literários, importando, sobretudo, a recepção de uma obra. A abordagem do tema, observada em seus primórdios por meio das contribuições de Iser (1979), Eco (1986) e Candido (2000), principalmente, anuncia as relações entre autor, editor e leitor, indicando seus papéis e as possíveis implicações. Neste estudo, busca-se operar a partir do conceito de leitor visado, trazendo à lume as possíveis estratégias e marcas textuais que convergem nas intencionalidades do autor e do editor.

O material eleito para se pensar esse conceito é a seleta de contos intitulada “Páginas Curtas”, de autoria da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Estes textos foram publicados em *A Violeta* (1916-1950), periódico cuiabano, *Revista Seara Nova* (1921-1984), periódico português; e *Revista da Semana* (1900-1959), periódico carioca. A preferência por *A Violeta* se dá por conta de se tratar de um periódico fora do eixo cultural do país à época, e por ser uma iniciativa oriunda exclusivamente de mulheres que compunham um grêmio literário.

A escolha de “Páginas Curtas” para tratamento do tema justifica-se sob alguns fatos tais quais terem sido assinados por Júlia Lopes de Almeida, um dos vultos literários do início do século XX; terem sido divulgados em periódicos diversos, incluído um internacional; e ainda, por terem sido publicados em uma revista feminina no centro-sul do país.

¹ UERJ.

O recorte temporal adotado estabiliza-se entre os anos de 1930, primeira ocorrência para os contos de “Páginas Curtas”; e 1934, ano de falecimento da escritora. Convém ressaltar que já na década de 1910 a escritora gozava de certo prestígio com os homens de letras e nos espaços que frequentava. Tal circunstância aponta para uma espécie de relação *sine qua non* entre a imprensa e a escritora, figura popularizada nos periódicos.

A respeito dos referenciais, busca-se o diálogo com os estudos de Galvão e Melo (2019), Chartier (1999; 2014), Martins e De Luca (2018), Nadaf (1993) e Costa (2018), textos apresentam pesquisas acerca da imprensa feminina e que corroboram nas análises sobre o autor, a leitura e o leitor.

A partir das questões apresentadas, propõe-se a organização deste texto em quatro seções, que pretendem abordar, respectivamente: a fonte desta pesquisa, a revista cuiabana *A Violeta*; uma breve apresentação de Júlia Lopes de Almeida, tentando abordar, sobretudo, sua atuação na imprensa periódica; os leitores esperados em dois segmentos – leitores da obra Almeidiana e leitores de *A Violeta*; e por fim, o conceito de leitor visado na seleta de contos, considerando-se aspectos que envolvem sua materialidade e conteúdo.

***A Violeta*: uma revista feminina fora do eixo cultural da Primeira República**

A tomada dos periódicos como fonte e/ou objeto de estudos no campo da História é recente, tendo seus primórdios na segunda metade do século passado. De maneira geral, os primeiros estudos privilegiavam análises de valor quantitativo, isto é, importava a longevidade, a popularidade e as expressivas tiragens para que um ou outro periódico fosse eleito objeto de investigação histórica.

Martins e De Luca (2018) indicam que foi a partir das iniciativas do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), no final da década de 1970, que os estudos sobre os periódicos ganharam força, muito embora estudos seminais, tal qual a *História da Imprensa no Brasil*², de Nelson Werneck Sodré, publicado pela primeira vez em 1966, tenham contribuído para a constituição do arcabouço teórico que hoje compartilhamos nos estudos sobre o periodismo no Brasil.

Apenas no final do século XX, observam-se os trabalhos que consideram aspectos socioculturais, sob o facho da Nova História Cultural, o que permitiu a tomada do periódico como fonte e objeto de estudo, respeitados os aspectos inerentes à sua composição – a edição, o conteúdo, a divulgação, o financiamento – características estas que não podem estar dissociadas de quaisquer abordagens eleitas pelo investigador. (DE LUCA, 2011)

Dulcília Buitoni (2009), uma das primeiras a empreender pesquisa³ acerca da imprensa feminina no Brasil aponta que “a relação entre a imprensa feminina e a mulher implica em questões mais abrangentes, como o papel social da mulher ou sua participação política” (2009, p. 21), por onde se encerram a ideologia e as intencionalidades que permeiam os periódicos femininos, condição⁴ também observada em *A Violeta*, em lume neste trabalho.

² Ressalta-se que a obra do autor, grosso modo, estabelece as relações entre a imprensa e o capitalismo, o trabalhismo, os movimentos operários, o anarquismo, entre outros. Resumidamente, a obra imprime um caráter econômico e político aos estudos sobre o periodismo brasileiro, contracenando com os movimentos em voga à época, os quais estampavam a imprensa periódica naquele momento, em sua maioria. Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

³ A pesquisa em questão resultou na publicação de *Mulher de Papel*, em 1981, um dos estudos da autora acerca da imprensa feminina no Brasil.

⁴ Aqui convém ressaltar que as redatoras de *A Violeta*, contrariando outras revistas femininas que divulgavam, especialmente, a moda, o bem-estar e o papel da mulher na vida doméstica, divulgaram também conteúdo de teor político, econômico e social, buscando trazer, em certa medida, as correlações possíveis entre as mulheres cuiabanas e as reivindicações impressas nas páginas da revista. (PINTO; MONDÊGO, 2021).

Publicada mensalmente a partir da década de 1920, *A Violeta* destaca-se na imprensa feminina por dois aspectos principais – sua longevidade, somando mais de 30 anos de atividade ininterrupta, sendo seu primeiro número datado em 16 de dezembro de 1916 e a última edição em 31 de março de 1950; e ainda pelo fato de ter sido um dos primeiros periódicos femininos cuiabanos, produzido e financiado por e para mulheres.

O acervo de *A Violeta* encontra-se em diferentes locais de guarda, a saber: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional, NDHIR – Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional de Mato Grosso; APMT – Arquivo Público de Mato Grosso; BCBM – Biblioteca Casa Barão de Melgaço; AMT – Academia Mato-grossense de Letras e o IHGMT – Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso.

Há também de se considerar o Arquivo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf, que possui a maior parte das edições da revista. A Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional concentra quase 50% do número total de edições de *A Violeta*, dentre as quais encontram-se os números utilizados nesta pesquisa.

O periódico é produto do Gremio Litterario Júlia Lopes, fundado em novembro de 1916 na cidade de Cuiabá, e composto por mulheres da elite cuiabana. Júlia Lopes de Almeida intitula o grêmio e ocupa o lugar de patrona da revista, colaborando ativamente, por meio de cartas, textos literários, contos e pequenos textos (COSTA, 2018).

Dentre algumas das atribuições da agremiação, sublinham-se: promoção do desenvolvimento intelectual das sócias; manutenção de uma publicação – que a princípio⁵ não trataria de questões políticas, religiosas ou animosidades particulares; promoção de festas para as sócias; manutenção de uma biblioteca composta por “obras de literatura, jornais e revistas nacionais e estrangeiras (NADAF, 1993, p. 25).

Composta por sessões variadas e de pouca ou nenhuma constância, *A Violeta* divulgava em suas páginas temas que se relacionavam, em certa medida, com a reivindicação dos direitos das mulheres sob três vertentes principais, em voga naquele momento – educação, trabalho e voto. Ademais, a maternidade, o casamento, e os “bons costumes” eram temáticas comuns à maior parte da coleção de textos literários.

Estudos recentes desenvolvidos na historiografia da imprensa feminina no Brasil trouxeram a lume *A Violeta*, em sua maioria, propondo pesquisas acerca de sua materialidade, circulação, relação(ões) com a imprensa feminina cuiabana e geral, a literatura que nela circulava e questões relacionadas a perspectivas feministas. Assim, embora este estudo privilegie o conceito de leitor visado para uma obra específica de Júlia Lopes de Almeida, vale a ressalva de que não é possível dissociar o aspecto literário da obra de sua materialidade ou de suas marcas discursivas e mais, do conjunto da obra da escritora.

A escritora laureada⁶ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)

Assídua colaboradora em diversos periódicos⁷ no Brasil e no exterior, Júlia Lopes de Almeida parece ter ressignificado o papel da mulher letrada na sociedade patriarcal do século XX. Se antes a educação feminina balizava-se em um ideal de incentivadora do lar e mãe-educadora, agora a

⁵ Importa destacar que, diferente do que se propôs *a priori*, as ações do Gremio por meio da revista tomaram aspectos da política e dos acontecimentos locais em suas páginas, adquirindo por vezes um tom menos opinativo e mais jornalístico, especialmente a partir da década de 1930, quando Getúlio Vargas torna-se presidente (PINTO; MONDÊGO, 2021).

⁶ O termo é utilizado em referência ao tratamento dado à Júlia Lopes de Almeida em *A Violeta*.

⁷ A exemplo de *O Paiz*, *Jornal do Commercio*, *A Gazeta de Campinas*, *A Família*, *A Mensageira*, *Jornal do Commercio*, *Revista do Brasil* e *Revista Feminina*.

dimensão feminina educacional tomava outras proporções, ao ter a figura da escritora carioca com uma das laureadas escritoras do Brasil e das mais respeitadas pela imprensa brasileira à época.

A posição ocupada por Júlia Lopes e poucas outras escritoras, na imprensa periódica da época, era incomum. Ela colaborou por muitos anos em um dos principais jornais do Brasil, o republicano e abolicionista *O País* (RJ). Suas crônicas semanais eram publicadas na primeira página do jornal, à esquerda, espaço privilegiado e de grande visibilidade, o que atesta a posição de prestígio e de respeito da autora em ambiente intelectual e literário eminentemente masculino (DI STASIO; FAEDRICH; RIBEIRO, 2016, p. 10)

Júlia Lopes de Almeida foi cronista, romancista, contista e teatróloga. Aos 19 anos, publicou seu primeiro artigo na *Gazeta de Campinas* (1869-1888), por intermédio do pai, colaborador do periódico a época. No final do século XIX, casou-se com o poeta Filinto de Almeida⁸, com quem teve 6 filhos.

Ao longo de mais de 5 décadas de produção bibliográfica, somam-se algo em torno de 30 volumes – entre romances, contos, manuais, livros para uso escolar e infantil, livros não ficcionais e uma novela. Mesmo nos anos de 1930, período recortado para esta pesquisa e momento em que Júlia Lopes encontra-se em idade avançada, a escritora permanecia com a pena à mão, seja para as colaborações com a imprensa, seja para a composição de um novo volume⁹.

Nos escritos de Júlia Lopes de Almeida, verifica-se a presença de temáticas comuns ao cotidiano das mulheres. De forma sutil e detalhada, a escritora delinea, na maioria dos seus textos, a posição da mulher frente às instituições sociais – casamento, maternidade, por meio de sentimentos e ações – arrependimento, traição, morte, moral, educação, amor, posição social, anseios, trabalho, entre outros. Júlia Lopes de Almeida, como reitera Lobo (2006), se solidificou, ao longo do século XIX, como uma escritora que imprimia um retrato realista da sociedade brasileira à época, apresentando esta temática “do ponto de vista da personagem ou narradora feminina” (p. 160).

Em “Páginas Curtas”, observa-se algumas dessas temáticas comuns, a exemplo da moral, o trabalho, o amor, morte; e outras, tais como a fome e a pobreza, a obsessão, o mistério e a indiferença. Embora pareçam diversas e por vezes conflitantes, essas temáticas recorrentes no trabalho – especialmente o romanescos – de Júlia Lopes de Almeida, justificam-se, em certa medida no que Woolf (2019) comenta a respeito da escrita feminina observada a partir do século XIX, quando “as mulheres começam a explorar o próprio sexo, a escrever sobre mulheres como jamais tinham escrito antes; pois claro está que as mulheres na literatura, até bem recentemente, eram uma criação dos homens” (p. 16).

Expectativas sobre o texto e a leitura – o leitor de Júlia Lopes de Almeida e o de *A Violeta*

Eagleton (2019) debate a recepção das obras considerando alguns pontos essenciais: a chamada “intenção” do autor e a “leitura” possível do público. Nesse contexto, o conteúdo de

⁸ **Filinto de Almeida** (1857-1945) foi poeta, jornalista e escritor. Imortal da Academia Brasileira de Letras, foi um dos membros fundadores. Para além de compor os membros da Academia Brasileira de Letras, Filinto de Almeida foi redator da Província de São Paulo – que mais tarde tornar-se-ia *O Estado de São Paulo*, foi diretor do jornal *A América* e colaborou em diversos periódicos, também sob os pseudônimos Filindal, Chico Férula, A. Bomtempo, A. Julinto, Munícipe Urbano, João da Luz, Justo Leal, P. Talma e Zé Bananal. (Fonte: Acadêmicos/ABL: <https://www.academia.org.br/academicos/filinto-de-almeida/biografia>. Acesso em 07 mar. 2022; e Infopédia – PT. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$filinto-de-almeida](https://www.infopedia.pt/$filinto-de-almeida). Acesso em 07 mar. 2022)

⁹ De acordo com a historiografia da escritora, trata-se de seu último volume no prelo – *Pássaro tonto*; e de *O funil do diabo*, obra publicada posteriormente, já no século corrente.

um texto não deve ser considerado como uma espécie de “propriedade privada” do autor; nem tampouco uma “propriedade pública” de seus leitores. Em uma relação muito mais recíproca do que dominante ou submissa, leitor e autor operam no ciclo de leitura com suas próprias – as vezes desencontradas – expectativas sobre o texto.

A análise do leitor visado de “Páginas Curtas” requer pensar em ao menos duas perspectivas: a do leitor da obra de Júlia Lopes de Almeida; e do leitor da revista *A Violeta*. Contudo, importa-nos considerar que este leitor pode ou não ser um leitor de Júlia Lopes, mas sempre será um leitor de *A Violeta*. Assim, trataremos do conceito de leitor sobretudo a partir dos leitores da revista em questão.

Quando Heller (2006) discute o espaço feminino para leitura e escrita, caracteriza Júlia Lopes de Almeida duas vezes: a primeira, quando cita a condição das mulheres mais abastadas e o muito provável contato com os livros por meio da Biblioteca da casa ou, quem sabe, de sua própria; e novamente, quando apresenta a escritora como uma das poucas mulheres que escreveu sobre mulheres, para mulheres sob um “teto todo seu”, a exemplo do que Woolf (2014) reivindica.

Desta maneira, tratar a obra de Júlia Lopes de Almeida sem tocar em sua própria trajetória como leitora parece ser um caminho pouco fortuito. Sobre este aspecto, Carvalho (2016, p. 23) indica que “a leitura [é entendida] como uma prática social, já que o sujeito leitor é um indivíduo considerado no conjunto de suas relações sociais, que faz parte de uma determinada realidade, com experiências acumuladas ao longo da vida”.

Aponta a historiografia da escritora que, desde muito jovem, tinha acesso à Biblioteca¹⁰ da casa, e por vezes cita os autores e textos que leu em mocidade. Outro ponto que vale a atenção é o fato de ter se casado com um intelectual da Academia Brasileira de Letras (ABL), condição que nos permite pensar em um acesso à leitura não apenas no espaço doméstico, mas em outras instituições.

Elaborado, fundado e mantido por mulheres da elite cuiabana, *A Violeta* nasce, de um desejo de circulação da “boa literatura”, por meio do cultivo das letras femininas, como mostra o texto¹¹ da página da primeira edição, em 16 de dezembro de 1916:

A alma moça necessita do affecto como a flor do orvalho; seja sympathia que os nossos leitores nos dispensarem, o balsamo vivificador que nos suavizará nas agruras da lucta. A Violeta será o organ do Gremio Literario Julia Lopes, organização esta que tem por fim único e exclusivo, o cultivo das letras femininas e patricias, abrindo as suas columnas a todas que comnosco quizerem collaborar, para o engrandecimento moral da nossa extremecida terra (p. 01).

Dois pontos merecem destaque no texto. O primeiro, a referência a “alma moça”, evidenciando objetivos que, ao longo da vida da revista, traduziram-se em educacionais. O segundo, o “engrandecimento moral” do estado mato-grossense, limita o alcance inicial da revista ao estado. Desta maneira, podemos pensar em mulheres¹² mato-grossenses como o possível leitor visado da revista. Em outra edição, no ano seguinte, estreita ainda mais essa leitora: aquela que frequentava os eventos do Gremio:

A leitora que assistiu certamente o festejo, deve ter tido como eu tive, ao ouvir a ‘Jardineira’ cantada por aquelles homens bravos e destemidos, um sentimento de viva sympathia, por elles, que ao partirem da nossa cidade,

¹⁰ Os pais, uma professora e um médico portugueses possuíam um considerável acervo em sua Biblioteca particular. Para além deste fato, convém ressaltar que fundaram uma escola, em fins do século XIX, o que fomentou ainda mais, acredita-se, a circulação de livros na residência da família Almeida (ELEUTÉRIO, 2005; ALMEIDA, 2007).

¹¹ Optou-se por manter a grafia original da revista nas citações diretas deste texto.

¹² Vale a ressalva de que não se tratava da totalidade de mulheres cuiabanas, mas sim aquelas mais abastadas, que faziam parte da elite da cidade e ainda professoras e algumas normalistas (MÜLLER, 1999).

levarão, senão uma saudade, ao menos uma suave recordação da nossa encantadora e modesta Cuiabá (A VIOLETA, 15 de janeiro de 1917, p. 1).

Os leitores de Júlia Lopes de Almeida, conquistados anos antes¹³ da empreitada da revista, correspondiam, em Heller (2006), a um certo perfil de mulher leitora: branca, casada, conhecedora de livros europeus – principalmente os franceses –, e acima de tudo, alguém que saberá transmitir à prole o conhecimento adquirido pela leitura. Em “Livro das Noivas”, publicado em 1896, a escritora defende a leitura para as mulheres:

A estante de uma mulher de espírito e de coração, isto é, de uma mulher habilitada a apprehender e conservar o que ler; que souber que isso a instrua, a torna apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhe superioridade e largueza de vistas; a estante de uma mulher inteligente e cuidadosa, que ama os seus livros, não como um mero adorno de gabinete, mas como a uns mestres sempre consoladores e sempre justos (...) ella há de compreender com maior lucidez e alegria os seus deveres de esposa e seus deveres de mãe! (p. 38-39).

Assim, pensar nos prováveis leitores tanto de *A Violeta* e Júlia Lopes de Almeida é pensar nas mulheres. Mulheres essas que, fora do caminho comum de outras de seu tempo, tiveram acesso à educação formal, seja por meio da escola ou por uma educação doméstica, geralmente ofertada por famílias abastadas. Por mais que *A Violeta* tenha divulgado, ao longo das quase 4 décadas em que circulou, a presença de textos de autoria masculina e que estes tenham recebido certo destaque, vale a ressalva de que seu conteúdo era consumido por mulheres.

Nem Júlia Lopes de Almeida, sob o título de ter sido uma das escritoras mais conhecidas e renomadas de seu tempo, teve sua obra preterida por homens leitores. Sua literatura era vista com bons olhos apenas para as crianças – se obras para uso escolar e infantil – e para jovens moças e senhoras, considerando aqui os romances¹⁴ e os manuais¹⁵.

O leitor visado de “Páginas Curtas”: considerações possíveis

Escritos sob o formato de folhetim¹⁶, prática comum nas obras¹⁷ romanescas de Júlia Lopes de Almeida e de alguns textos literários divulgados em *A Violeta*, os textos de “Páginas Curtas” estão dispostos como mostra o quadro abaixo:

¹³ Já na década de 1910 Júlia Lopes de Almeida tornara-se uma das autoras mais lidas da Primeira República.

¹⁴ A obra romanescas de Júlia Lopes de Almeida é composta por: *Memórias de Marta* (1888), *A Família Medeiros* (1892), *A Viúva Simões* (1897), *A falência* (1901), *A intrusa* (1908), *Cruel amor* (1911), *Correio da Roça* (1913), *A Silveirinha* (1914), *Pássaro tonto* (1934) e *O funil do diabo* (2015). As duas últimas foram publicadas após a morte da escritora em maio de 1934.

¹⁵ Consideramos aqui *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906).

¹⁶ Novidade francesa, o romance-folhetim correspondeu a um empreendimento comercial de Émile Girardin para aumentar a venda dos jornais. De acordo com a pesquisa realizada por Tinhorão (1994), Machado de Assis e José de Alencar são alguns dos escritores que mais frequentemente assinavam os folhetins, especialmente na segunda metade do século XIX.

¹⁷ 9 de seus 10 romances foram antes publicados sob formato de folhetim nos periódicos.

Título	Edição	Data de publicação
Era a fome	176	30/03/1930
Meu amor	182	24/09/1930
No vagão	209	24/09/1933
Por isto e por aquilo	209	24/09/1933

Quadro 1: Contos de “Páginas Curtas” em *A Violeta* – Fonte: Elaborado pela autora

Na edição 176, as redatoras divulgam uma carta de Júlia Lopes de Almeida para a revista. Na carta, a própria escritora anuncia os textos: “Mando junto 2 continhos de um livro todo de páginas curtas, que sairá não sei quando, porque tenho outras obras inéditas à espera da decisão do editor” (p. 3). A publicação da carta, associada a assinatura da escritora e ainda à posição da mesma – na 3ª página da revista, sublinha o que Chartier (2011) classifica como protocolos de leitura, uma vez que

define[m] quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça[m] seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nele que fundam seus esforços de persuasão (p. 20).

Assim, logo em seguida, os leitores de *A Violeta* são apresentados a “Era a fome”. O mesmo pode ser observado na edição 209 (1933), na qual estão publicados “No vagão” e “Por isto e por aquilo”. Sobre esta edição, publicada na data natalícia da escritora, a redação de *A Violeta* abre o número com um texto em homenagem à escritora. Na página seguinte, apresenta a carta de Júlia Lopes e, na próxima os dois contos. Mesmo em se tratando de uma leitura essencialmente fragmentada¹⁸, a leitura de *A Violeta* adquire, desta forma, um caráter mais linear de sua concepção, revelando pistas a respeito das estratégias utilizadas pelas redatoras da revista.

O conto “Meu amor”, o mais extenso dos quatro, ocupa mais de dois terços da página. Publicado imediatamente após a “Chronica”, coluna que abre os números de *A Violeta*, o texto é anunciado sob a seção “Páginas Curtas – II”. Interessante pensar em como as redatoras adotaram a obra como uma seção da revista, em uma tentativa de promover certa legitimidade ao texto, acredita-se.

Galvão e Melo (2019) sugerem alguns aspectos que devem ser considerados ao tentar reconstruir o leitor visado de uma determinada obra, tais como as marcas discursivas; a escolha léxico-gramatical; a ação conjunta do leitor modelo; e por fim, a materialidade. Nessa lógica, os dois primeiros elementos estariam diretamente e mais comumente ligados à ação do autor, ao passo que os últimos corroboram com as ações editoriais para a promoção da obra.

Outro ponto relevante, sublinha Chartier (2014), é a relação entre o texto e o impresso. O primeiro, essencialmente produzido pelo autor, interroga e responde aos supostos propósitos de

¹⁸ Chartier (1999) pondera a respeito da materialidade e das práticas de leitura com os impressos periódicos. Embora trate-se de impressos similares quando consideramos o propósito intrínseco dos textos que os preenchem, o material usado na confecção, a diagramação e a circulação permitem que se possa, por exemplo, ter uma atitude mais livre: “o jornal é carregado, dobrado, rasgado, lido por muitos” (p. 82).

uma determinada visão dele. Já o impresso corresponde ao texto, aos paratextos¹⁹ e as possíveis estratégias lançadas pela edição, tais quais àquelas lançadas pelas redatoras de *A Violeta*.

As marcas discursivas e a escolha léxico-gramatical, embora pareçam constituir uma mesma noção, são, contudo, aspectos complementares. As marcas discursivas podem ser definidas como o conjunto de elementos intra, inter ou extratextuais – o que inclui a escolha do léxico –, que estabelecem uma relação de reconhecimento, proximidade ou distanciamento com o leitor modelo.

Trata-se de um conjunto de artifícios linguísticos que, explorados, arranjados, ordenados, por meio do jogo com palavras, buscam persuadir o leitor, convencê-lo a ser colaborativo na construção do sentido para o texto que lê, seguindo, o trabalho interpretativo, os caminhos traçados, na produção textual, para sua compreensão (GALVÃO; MELO, 2019, p. 234-235).

Nos contos selecionados de “Páginas Curtas”, é possível indicar as seguintes marcas discursivas:

Título	Marcas discursivas
Era a fome	Narração em 1ª pessoa Parágrafos curtos, passíveis de leitura panorâmica Pausas ao longo do corpo do texto
Meu amor	Título exclamativo – Meu amor! Texto corrido, imprimindo um caráter mais dinâmico à leitura Pausa que anuncia o fim do texto e uma provável continuação do enredo
No vagão	Narração em 1ª pessoa Texto composto essencialmente por diálogos Fim súbito do texto e a sensação de incompletude do enredo
Por isto e por aquilo	Exemplo do cotidiano na introdução do enredo Texto corrido, imprimindo um caráter mais dinâmico à leitura O uso das reticências como um artifício para anunciar a continuação do enredo

Quadro 2: Marcas discursivas nos textos de Páginas Curtas em *A Violeta* – Fonte: Elaborado pela autora

O trabalho de Abreu (2006) pressupõe a leitura como uma constituinte de nossa imagem social. Isto é, as obras que lemos, as opiniões que emitimos e as relações que estabelecemos enquanto ávidos leitores muito nos dizem respeito sobre o papel social que ocupamos. Nesse sentido, comenta a autora que, ao menos em tese “as obras literárias conduzem à identificação com personagens e cenas fazendo que, ao final da leitura, sejamos pessoas mais experientes, mais sensatas, mais justas” (p. 81).

Portanto, reconstruir o leitor visado por meio do aspecto literário de um texto requer que se pense em um leitor que experimentará, fortuito ou não, uma determinada convenção estimada pelo autor. Ou seja, o leitor visado deverá ser alguém que compreende, amplamente, os anseios e as intencionalidades do autor para que possa, intuitivamente, depreender sentidos mais profundos.

¹⁹ Em referência ao proposto por Genette (2009), conceito que compreende os elementos selecionados para a constituição do impresso. Em outras palavras, os paratextos estão definidos como os aspectos dentro, sobre e fora do texto que guiam e auxiliam a leitura.

Em “Páginas Curtas”, considera-se alguns marcadores que, a partir da historiografia da escritora Júlia Lopes de Almeida e das intencionalidades de *A Violeta*, é possível exprimir algumas relações entre forma, conteúdo e propósito. O quadro 3 a seguir mostra esta relação:

Título	Marcadores
Era a fome	Literatura combativa de Júlia Lopes de Almeida Assistencialismo ²⁰
Meu amor	Crítica ao culto do amor platônico, não correspondido
No vagão	Literatura do horror; gótica
Por isto e por aquilo	Moralismo Virtudes esperadas e sentimentos reprimidos

Quadro 3: Marcadores de conteúdo – relações entre a obra e possíveis intencionalidades

Fonte: Elaborado pela autora

Outrossim, o tripé educação, feminilidade e intelectualidade, que parece nortear as publicações em *A Violeta* encontrou, nos textos de Júlia Lopes de Almeida e em sua própria figura, um modelo a seguir, uma inspiração para jovens e mulheres cuiabanas. Além de terem evidenciado a admiração pela “obra construtora” da escritora, a publicação de certos textos tais quais “Páginas Curtas” evidencia a pertinência da obra com as intencionalidades de suas redatoras.

No que tange à materialidade do texto impresso em *A Violeta*, pode-se citar sua a localização na revista, a posição na página, a diagramação usada – títulos e subtítulos em fontes distintas e de tamanhos diferentes, as bordas utilizadas com frequência para destacar os textos de Júlia Lopes de Almeida, as imagens associadas da escritora e o próprio texto em si. A exemplo da apresentação do texto nos quatro contos, é possível identificar a modulação do discurso de *A Violeta* conforme novas publicações surgem.

Em um primeiro momento, anuncia-se o texto com título e subtítulo, seguido de corpo textual; em seguida, na edição 182 (*A VIOLETA*, 24 set. 1930) “Meu amor” é anunciado sob o mesmo título, mas com a inscrição “II”; no terceiro e último número, os contos “No vagão” e “Por isto e por aquilo”, localizados na mesma página, são anunciados sob o texto “Dois números inéditos do livro em preparo Páginas Curtas, de Júlia Lopes de Almeida” (*A VIOLETA*, 1933, p. 3).

Desta forma, pensar o leitor visado de “Páginas Curtas” necessita de uma análise que dê conta de permear as intencionalidades do texto, sendo o autor o protagonista desse movimento; e ainda a materialidade do impresso onde o texto é publicado, uma vez que ela é “[também] constitutiva das maneiras de ler e da construção de sentidos pelo leitor.” (GALVÃO; MELO, 2019, p. 243)

Considerações finais

Investigar as práticas de leitura de um determinado grupo ou indivíduo requer analisar as pretensões e expectativas do leitor, alinhadas – ou não – àquelas do autor e do editor. A observação do texto apenas a partir do próprio texto possivelmente implicará em um estudo rarefeito a respeito do leitor esperado e da recepção de uma obra, uma vez que todo e qualquer

²⁰ Júlia Lopes de Almeida integrou a *Legião da Mulher Brasileira* e muitas outras instituições e movimentos assistencialistas no início do século XX. Também o fez algumas das mulheres que compunham o Gremio litterario Julia Lopes.

texto se insere em uma determinada conjuntura, faz parte de um determinado impresso e, por este motivo, adquire outras características, sejam elas inter, intra ou extratextuais.

Sendo a imprensa uma fonte fecunda para pensar literatura e leitura, porém inundada de singularidades, a exemplo de suas múltiplas formas e conteúdos, o estudo acerca de quaisquer aspectos a seu respeito deve permear suas intencionalidades. O conceito de leitor visado da seleta de contos “Páginas Curtas”, de autoria de Júlia Lopes de Almeida, na revista *A Violeta*, permitiu pensar diversas relações que vão além do binômio autor-leitor e das expectativas de leitura de um leitor modelo.

A partir da investigação empreendida neste texto, constatou-se que elementos discursivos, léxico-gramaticais, materiais, intencionais, ao lado do conteúdo de um texto, buscaram estabelecer as relações entre o tripé autor – editor – leitor. Partiu-se da premissa de leitores-modelo (ECO, 1986) de Júlia Lopes de Almeida e *A Violeta* para uma concepção mais consistente na reconstrução do leitor visado.

Assim, considerando possibilidades de futuros investimentos no campo da história da leitura e dos leitores visados em periódicos, especialmente, espera-se contribuir com o alargamento do campo e com os estudos que privilegiam a História da Imprensa feminina brasileira, a escrita feminina e ainda, a História das Mulheres no Brasil.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das noivas*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1896.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. ano I, n. 1, 16 dez. 1916.

A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. ano I, n. 3, 15 jan. 1917.

A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. ano XIV, n. 176, 30 mar. 1930.

A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. ano XIV, n. 182, 24 set. 1930.

A VIOLETA: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes. ano XVII, n. 209, 24 set. 1933.

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao solo de clarineta (1912-1922)*. 2016. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

COSTA, Laís. *O feminismo nas crônicas da revista A Violeta (1916-1937)*. Curitiba: Appris, 2018.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. R. Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Trad. C. Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. G. Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: UNESP, 2011.

DI STASIO, A.; FAEDRICH, A.; RIBEIRO, M. V. T. (Org.). *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. W. Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, C. G.; OLIVEIRA, M. A. T. (Org.). *Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 223-256.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Á. Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890 – 1920)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

MARTINS, Ana Luiza; De LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

MÜLLER, Lúcia. *As construtoras da nação: professoras primárias na Primeira República*. Niterói: Intertexto, 1999.

NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco.; MONDÊGO, Thiago Lima. “Rumo ao oeste!”: o progresso da nação do governo Getúlio Vargas nas páginas de A Violeta (1933-1945)

(Educação, História, Memória e Cultura em Debate – vol. IV 1945). *Vozes, Pretérito & Devir*: revista de História da UESPI, v. 13, n. 1, p. 285-303, 2021.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. B. N. Sousa e G. Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. Trad. L. Fróes. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2019.

Sobre a autora

Gabrielle Carla Mondego Pacheco Pinto. Professora de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ), bolsista CAPES – PROEX e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É ainda membro do Grupo de pesquisa infância, juventude, leitura, escrita e educação (GRUPEEL) (FAPERJ/ CNPQ/ UERJ), coordenado pela Profa. Dra. Márcia Cabral da Silva.
E-mail: gabimondego09@gmail.com.